

Gabriela Martin<sup>1</sup>



Em março de 2014, faleceu a professora Dra. Dorath Pinto Uchôa, do Museu de Etnologia e Arqueologia da Universidade de São Paulo, e a Arqueologia brasileira ficou sem uma das maiores defensoras da disciplina no Brasil. Sua vida, dedicada à docência e à pesquisa arqueológicas, foi frutífera e não isenta de dificuldades que ela soube superar com afincamento e um entusiasmo pelo trabalho, que fora a alegria da sua vida, somente superado pela dedicação às filhas, aos netos e bisnetos. Nascida em Belém do Pará, afincou-se desde a adolescência em São Paulo, onde estudou e residiu toda a sua vida. Formada em Geografia, com mestrado em História e doutorado em Arqueologia pela Universidade de São Paulo, foi orientada por professores que hoje representam ícones na Historiografia e na Arqueologia brasileiras, como foram Eurípedes Simões de Paula e Fernando Altenfelder Silva.

131

A Dra. Uchôa foi membro do Conselho Editorial da Revista *Clio Arqueológica* desde os primeiros números publicados, a partir da década de 1980, sendo também uma colaboradora assídua do nosso periódico. Ao completar 30 anos de publicação continuada, o periódico lhe dedica uma especial homenagem, iniciando com seu nome o novo apartado *Opus Academica*, no qual se pretende registrar a obra dos pesquisadores que melhor contribuíram para a pesquisa e a preservação do patrimônio arqueológico brasileiro.

Pesquisadora do CNPq nível 1-A, o seu longo currículo completa várias páginas, mas vamos nos referir em primeiro lugar ao cargo que foi mais caro para ela: o de Presidente da Sociedade de Arqueologia Brasileira, a SAB, da qual foi fundadora junto a Pedro Ignácio Schmitz e Mario Ferreira Simões, que a precederam no mandato.

---

<sup>1</sup> Programa de Pós-graduação em Arqueologia, UFPE.

Para falar do seu trabalho junto à SAB, nada melhor que as suas próprias palavras, registradas no livro *Construindo a Arqueologia no Brasil: a trajetória da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, obra organizada por Denise Pahl Schaan e Marcia Bezerra, respectivamente Presidente e Secretária da SAB no biênio em que se completaram 30 anos da fundação da Sociedade, na qual se recolhe o desenvolvimento da Arqueologia brasileira sob a perspectiva dos ex-presidentes. Deixemos, pois, falar a própria Dorath, Presidente do biênio 1985–87.

#### DORATH PINTO UCHÔA, PRESIDENTE DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA NO BIÊNIO 1985–1987

“O que representou para mim ser Presidente da Sociedade de Arqueologia Brasileira remonta-se à época da criação da própria SAB. Foi a culminação de um sonho acalentado durante muitos anos a partir, precisamente, da minha incorporação ao Instituto de Pré-história da Universidade de São Paulo. Eleita Presidente da SAB para o biênio 1985–87, tive como companheiros de chapa o Vice-presidente Ondemar Dias Junior, Maria Cristina Scatamacchia, como Secretária e Sílvia Maranca como Tesoureira.

132

Não poderia falar da minha gestão à frente da Sociedade de Arqueologia Brasileira sem fazer um histórico e contar a minha versão dos inícios e tentativas da criação da SAB, do empenho de um grupo de amigos preocupados com a valorização da disciplina arqueológica. Acho-me no direito e na obrigação de expor minhas lembranças como integrante de uma geração pioneira, cujos membros foram aos poucos se afastando ou desaparecendo, mas na qual e graças a Deus ainda sinto-me muito ativa. Acho importante que os mais jovens conheçam os primórdios da nossa sociedade e como ela se concretizou. Com o tempo e o êxito obtido, apareceram outros nomes se autointitulando “Pais e fundadores da SAB”. Meu relato é singelo, embora real e apaixonado, como tudo o que tenho feito na minha vida, muito especialmente quando se refere à SAB, que considero quase que uma terceira filha.

Por volta da década de 50 do passado século, quando a Arqueologia no Brasil estava deixando o amadorismo, começamos a sentir a necessidade de um foro para nos reunir periodicamente, pois até então nos valíamos das reuniões anuais da SBPC e, por vezes, das da Associação Brasileira de Antropologia – ABA. Foi assim que em uma reunião em Curitiba em julho de 1970 e pelo fato de estar presente um grupo significativo de arqueólogos, entre os quais Fernando Altenfelder Silva, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro/USP; Pedro Ignácio Schmitz, da Unisinos, do Rio Grande do Sul; Oldemar Blasi, do Museu de Arqueologia do Paraná; Marília Carvalho de Mello e Alvim e Maria da Conceição Beltrão, ambas do Museu Nacional do Rio de Janeiro; Niéde Guidon,

da L'École de Hautes Etudes, de Paris; Caio Del Rio Garcia e Dorath Uchôa, ambos do Instituto de Pré-história/USP, sentimos ser o momento adequado para começar a pensar firmemente no que nos faltava: uma sociedade científica. Foram no começo conversas informais, durante os intervalos dos trabalhos para o cafezinho, quando procurava sempre me juntar aos colegas, tentando motivá-los em relação à idéia de se criar uma Sociedade de Arqueologia.

De volta a São Paulo, procurei logo o apoio do Mariano Carneiro da Cunha, na época professor no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo que não se mostrou muito confiante no resultado que buscávamos; contudo, sua adesão, segundo ele, foi mais um voto de confiança à amiga Dorath Uchôa. Falecido prematuramente, não quero deixar de prestar a devida homenagem a esse seu gesto. O próprio Ulpiano Bezerra T. de Meneses, que respondia pela diretoria do MAE/USP, e Luciana Pallestrini, Vice-diretora do Museu Paulista/USP, foram duas cabeças pensantes completamente incrédulas ao bom andamento da criação da nossa sociedade, embora aderissem à ideia mais por amizade que por acreditar nela. Enquanto isso, contei com o incentivo de Josué Camargo Mendes, quando Vice-reitor da USP, e de muitos outros nomes expressivos. Na UFPE, Gabriela Martin Ávila se destacou pelo seu grande entusiasmo. A maior parte dos colegas do Sul também atuou de modo positivo, e assim tudo corria a nosso favor.

133

Os problemas para a criação da SAB, entre outros, eram as grandes distâncias entre nós pesquisadores e as respectivas instituições, sem as facilidades de comunicação de hoje. A dispersão geográfica foi sempre um empecilho para um maior engajamento entre todos. Assim, foram também aproveitadas as reuniões esporádicas do Museu do Índio no Rio de Janeiro e os Seminários Goianos de Pré-história realizados em Goiânia para discutir o que seria o cerne de nossa sociedade. Existia em Goiânia um grupo muito atuante que realizava pesquisas arqueológicas sob a firme batuta de Pedro Ignácio Schmitz.

Na primeira reunião no Museu do Índio, em 1978, como articuladora da sociedade, fui eleita Presidente da Comissão que iniciaria os trâmites necessários para a sua criação. Não podemos deixar de registrar o grande apoio e a colaboração recebida desde os primeiros momentos de Altair Sales Barbosa, Maira B. Ribeiro, Acari de Passos Oliveira, Ítala Basílio Becker, Pedro Mentz Ribeiro, Catarina Ribeiro, Aurélio Fernandes, Marco Aurélio da Silva, Maria da Conceição Beltrão, Gabriela Martin Ávila, Marília Carvalho de Mello e Alvim e outros mais.

A intenção desse grupo de pesquisadores a maioria pertencente à academia em instituições federais e estaduais, era fundar uma sociedade científica sem fins lucrativos, que reunisse os arqueólogos de todo o Brasil. Quase imediatamente apareceram vozes

discordantes de um grupo do Rio de Janeiro, formado por amadores, que pretendiam substituir a sociedade científica por uma espécie de sindicato. Tratava-se de um grupo pequeno, embora atuante, dando margem a um verdadeiro confronto de ideias. Felizmente, ganhou o bom-senso e o pequeno grupo dissidente se dispersou, tanto assim que Alfredo Mendonça que havia chefiado o grupo dissidente, aderiu à SAB tão logo criada e foi um dos nossos sócios mais atuantes.

As instituições dedicadas à pesquisa arqueológica no Brasil que precederam à criação da SAB eram poucas e todas localizadas nas regiões sul-sudeste, com exceção do Museu Paraense Emílio Goeldi, de Belém do Pará. A Arqueologia que se realizava em outras regiões da ampla geografia brasileira era obra de pessoas isoladas, e não de instituições brasileiras, era o trabalho de Niède Guidon na Missão Franco-Brasileira no SE do Piauí e de Gabriela Martin Ávila, da UFPE, em Pernambuco e no Rio Grande do Norte.

134

Das instituições do Rio de Janeiro onde atuavam arqueólogos, o Instituto de Arqueologia Brasileira – IAB passou a colaborar imediatamente com a ideia de criação da SAB. O IAB, criado por Ondemar Ferreira Jr. e um grupo de colaboradores, é uma instituição de caráter privado que vem realizando pesquisas arqueológicas há várias décadas em diversas regiões do Brasil. Seu apoio e a colaboração de sua equipe foram essenciais no êxito da SAB. Outras duas grandes colaboradoras, a título pessoal, foram Marília Carvalho de Mello e Alvim e Maria da Conceição Beltrão, ambas do Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Na realidade, foram 2 anos de verdadeira batalha travada no Museu do Índio, no Rio de Janeiro, nos anos de 1978 e 1979, entre as duas correntes. Vencendo finalmente mais uma vez o bom-senso, em setembro de 1980 fundava-se a Sociedade de Arqueologia Brasileira, na sede do Instituto Goiano de Pré-história e Antropologia da Universidade Católica de Goiás, por ocasião de seu III Seminário Goiano de Pré-história, com a presença de 47 pesquisadores que se tornariam os primeiros sócios-fundadores, concedendo-se um prazo de mais 30 dias para a adesão de novos sócios que não estavam presentes a essa reunião, mas que desejassem ser sócios-fundadores.

Tão logo se fundou a sociedade, criou-se a sua sigla, SAB, e foi eleito Pedro I. Schmitz como primeiro Presidente Interino, cujo mandato correspondeu ao ano de 1980. Em 1981 recandidatou-se, indo até 1983. Nos dois mandatos, ocupei a Tesouraria da Sociedade.

Foram estabelecidas as categorias de sócios: fundadores, efetivos, honorários e colaboradores, estes últimos como forma de integrar também os estudantes que desejassem pertencer à Sociedade, embora sem direito a voto. Depois de formados e

com a apresentação do seu Curriculum Vitae, os sócios-colaboradores poderiam passar a efetivos, após serem avaliados pela Comissão de Seleção.

À medida que os anos passaram, a SAB foi crescendo e aumentando significativamente o número de sócios; as primeiras comissões de seleção foram rigorosas, tanto na admissão de novos sócios como na mudança de categoria, e, às vezes, até demoradas. Com o passar do tempo e posições diferentes por parte das diretorias que se seguiram, os critérios de seleção não foram tão rigorosos e nem respeitadas as cláusulas do Regimento. Essa tolerância facilitou, sem dúvida, o aumento de sócios na SAB, embora nem sempre com a melhoria do nível dos mesmos.

A Sociedade de Arqueologia Brasileira é hoje uma associação científica consagrada, tanto pelo número de sócios efetivos como pelas suas reuniões científicas bianuais, ou congressos, como seus últimos presidentes têm preferido chamar às antigas reuniões, mais modestas talvez, embora não menos produtivas e científicas. Meu orgulho é grande, na medida do meu empenho na criação da SAB, como é grande o seu crescimento transcorrido em clima absolutamente democrático. Atualmente, contamos com um total de quinze ex-presidentes, cada um procurando dar sua feição à Sociedade, através de sua experiência e possibilidades. Como exemplo, citamos a publicação dos chamados Clássicos da Arqueologia Brasileira na gestão de Rossano Bastos, no biênio 2005–2007. No biênio 2007–2009, Denise Schaan, a Presidente atual, e sua equipe lançam mais um elemento que vem erguer a SAB: a publicação duma pequena síntese contada e escrita por nós, ex-presidentes.

O biênio de 2001–2003 foi exercido por José Luiz de Moraes, que deu grande contribuição à Sociedade, entre outras coisas colaborando para a confecção dos Clássicos da Arqueologia. Deixo aqui registrado os meus agradecimentos pela apresentação carinhosa de meu trabalho feita por José Luiz como presidente, na época, colega e amigo.

Quero falar agora sobre a produção da SAB no biênio 1985–87, quando fui Presidente e Ondemar Dias Jr. Vice-presidente. Coordenei, nesse período, três projetos científicos, sendo dois deles sobre o litoral do Estado de São Paulo: Baixada Santista (os quatro sambaquis da Cosipa); Peruíbe (Ruínas do Abarabebê) e um sítio urbano (Itaim Bibi). Várias exposições foram feitas nessa época, em cidades do litoral e em São Paulo, estando a SAB sempre representada, tanto nas pesquisas como nos eventos, juntamente com o MAE/USP e o Condephaat, do Estado de São Paulo.

Nesse mesmo biênio, tivemos, também, o Primeiro Simpósio de Pré-história do Nordeste, coordenado por Gabriela Martin Ávila e reunido no Recife. É inegável o brilho e a repercussão que teve esse Simpósio, apoiado pela SAB.

A IV Reunião Científica da SAB foi sediada na cidade de Santos, no litoral paulista e as despesas dessa reunião foram subsidiadas pela Companhia Siderúrgica Paulista – Cosipa, o que nos permitiu oferecer passagens e estadia à diretoria, aos membros das comissões, aos conferencistas e aos sócios destacados que colaboraram especialmente para a organização do evento. Os estudantes receberam também apoio para hospedagem e alimentação.

A abertura dos trabalhos foi no Centro de Cultura de Santos, contando com a presença do Secretário de Cultura e do Magnífico Reitor da USP, do Reitor da Unisantos, do Presidente da Fapesp, Prof. Fava e do Prof. Pavan, Presidente do CNPq. Compareceu, também, a alta cúpula da Cosipa.

Toda a correspondência recebida, praticamente desde a criação da SAB até o biênio 1993–95 quando fui Vice-presidente do Arno Kern, esteve em meu poder. Posteriormente, entreguei-a a José Luiz de Moraes, durante o biênio do seu mandato como Presidente, que a encaminhou a Rossano Bastos, segundo o que me consta. Nessa documentação, está reunida, de certa forma, a história administrativa da SAB, inclusive também anedótica, não isenta de curiosidades, com antigas fotografias tiradas nas reuniões de Goiânia e na de Santos.

Na nossa IV Reunião Científica, as comunicações foram feitas, pela primeira vez, separadas por assunto e, simultaneamente, em diferentes salas, indicando já tanto o aumento de sócios como as diferentes áreas do conhecimento arqueológico.

O encerramento da IV Reunião Científica foi marcado por uma grande exposição sobre sambaquis, com ênfase nos da ilha de Santa Helena, conhecida também como ilha dos Amores, no salão principal da Cosipa. O encerramento total dos trabalhos se deu na área arqueológica da Cosipa com um almoço no seu restaurante. A inauguração da exposição foi realizada pelo Presidente da Cosipa, com a presença da Secretária Estadual de São Paulo, sócios da SAB e inúmeros convidados; em seguida foi servido um coquetel. Durante toda a semana do encontro, foi organizado por um dos arquitetos da Cosipa um programa festivo para os participantes. A IV Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira foi sem dúvida um grande evento que marcou a maioria da nossa associação, e, diga-se por oportuno, os cofres da SAB não foram onerados em absoluto, pois todos os recursos nos foram oferecidos pela Cosipa. “*Dorath Pinto Uchôa.*”

Com a especial lembrança que a nossa revista lhe oferece, quisemos sair da linha rígida das homenagens puramente acadêmicas e nos aproximamos de colegas, amigos e antigos alunos que quiseram oferecer um depoimento pessoal de amizade e reconhecimento à

figura que foi Dorath Uchôa. A ordem é aleatória, e segundo foram chegando os textos assim os colocamos, mas iniciamos a relação com o depoimento do Prof. Pedro Ignácio Schmitz, sóbrio e conciso como ele é, embora sempre sincero e que fora o primeiro Presidente da Sociedade de Arqueologia Brasileira.

“Dorath Pinto Uchôa era uma lutadora. Com razão ela se dizia mãe da Sociedade de Arqueologia Brasileira, que já se tornou adulta e logo vai festejar 35 anos. Lembrar a doutora Dorath como pessoa e como profissional é não esquecer as origens da Arqueologia no Brasil.” P. I. Schmitz, Instituto Anchieta de Pesquisas, UNISINOS, São Leopoldo, RS, Pesquisador Senior do CNPq.

“Conheci Dorath Pinto Uchoa quando ainda adolescente, morávamos na cidade de Pirajuí. Influenciada por Paulo Duarte, como eu, começou a se interessar pela Arqueologia na década dos anos 1960. Trabalhamos juntas no Instituto de Pré-História da Universidade de São Paulo. Sua carreira no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP foi brilhante. Dorath era uma pessoa dotada de um espírito ativo, excelente colega, dedicada ao trabalho. Uma grande amiga!” Niède Guidon, École de Hautes Etudes, Paris, e Fundação Museu do Homem Americano – Fumdam, PI, Pesquisadora 1-A do CNPq.

“Minha Amiga Dorath: difícil é começar a falar dela, como dizer em poucas palavras a amiga que ela foi. A conheci no primeiro ano de faculdade, numa excursão do curso de Geografia, em que ela veio com as duas filhas, pouco mais que bebês, e desde então nossa amizade foi se consolidando e crescendo a cada dia. Ela amava a vida e as pessoas de sua convivência com a mesma intensidade, viveu momentos muito difíceis em sua vida, mas sempre enfrentados com garra e tenacidade invejáveis. Tive o privilégio de trabalhar por décadas na mesma Instituição, salas lado a lado, todos os dias, tantas conversas e quantos conselhos. Isto que eu chamo uma amizade verdadeira, conselhos e críticas não eram para mudar-nos uma à outra, mas, sim, para nos vermos mais felizes. Falar de Dorath, como mãe, como avó e bisavó, como colega e amiga, é falar de ética, de honestidade, de seriedade profissional, dedicação ao trabalho, à família e aos amigos, tudo isso toda a vida. No coração de Dorath, não havia lugar para rancores. Quando o médico a preparou para o fim, não havia o que fazer, a não ser prolongar um pouco a vida com tratamentos invasivos, mas ela me disse: ‘Maranca (nunca consegui que me chamasse Silvia) eu decidi, não quero mais ver vocês todos sofrendo, eu tive a vida, que pedi a Deus, chegou minha hora e estou tranquila, podes crer, tranquila para partir’. Ainda hoje, e creio por toda a vida, lembrarei de seu conselhos, de nossas discussões, dos intermináveis cafezinhos e conversas que tivemos. Fique em paz, querida Dorinha... é o que eu posso te desejar.” Silvia Maranca, Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, São Paulo.

“Minha amizade com Dorath Uchôa nasceu instantaneamente. Independia da Arqueologia porque vinha do coração. Apesar disso a história da Arqueologia brasileira nos uniu quando ela, Napoleão Figueiredo e eu nos associamos para criar o que futuramente e permanentemente ficou conhecida como Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB).

Quando fui escolhida como Mulher do Ano, em 1980, na área de Ciências, pelo Conselho Nacional de Mulheres do Brasil, presidido pela Dra. Romi Medeiros, imediatamente pensei: ‘se algum dia me pedirem uma indicação de outra arqueóloga, indicarei Dorath Uchôa’. E assim fiz. Dorath não só acompanhava de perto os destinos da Arqueologia Brasileira, como também visitava instituições e se interessava pelo trabalho dos arqueólogos, incentivando-os e parabenizando-os. Por essas razões, Dorath Uchôa foi líder e pioneira incontestemente com contribuições significativas para a construção do saber arqueológico de nosso país.

Há muitas maneiras de homenagear e reconhecer nosso afeto pelas pessoas com que tivemos a oportunidade de conviver e aprender ao longo de nossa efêmera existência. Digo efêmera porque, em razão da escala de tempo que estamos habituados a trabalhar, nossas vidas são breves momentos.

138

Escolho a emoção que vem do coração e a Dorath dedico:

#### PRAZER ECOLÓGICO

Meu hedonismo é fruto do paraíso

Das árvores molhadas

Depois da chuva densa.

Dos campos azulados,

Ao sabor dos ventos.

Do silêncio sem queimadas,

A queimar-me por dentro.

Meu hedonismo

É flor que desabrocha

Da plantação sorridente.

É pegada de gado

No solo poeirento.

É siriema piando,

Canoa navegando.

Meu hedonismo

É o paraíso da mata fechada.  
Da neblina de madrugada.  
Do aconchego das noites mornas,  
Ao sabor das horas,  
Do céu limpo,  
Com estrelas caindo...

Vejo nas estrelas caindo pedacinhos de Dorath enfeitando o meu céu estrelado. Guarda-lá-ei sempre no meu coração”. Maria Beltrão, Museu Nacional, Rio de Janeiro, Pesquisadora Senior do CNPq.

“Dorath Pinto Uchôa foi uma grande arqueóloga, com importante contribuição ao estudo de sambaquis da costa paulista e uma das primeiras a realizar estudos bioantropológicos no País. Professora nata, sempre deu muita força a grupos iniciantes, como o nosso da Universidade Federal do Piauí. Toda vez que passava por Teresina para ver a família, sempre aceitava o convite para vir até o Núcleo de Arqueologia Pré-histórica (NAP, para conversar com nossos alunos e os lembrava sobre a importância da boa documentação dos registros arqueológicos. Carinhosamente me tratava por Comadre, devido à minha relação com sua família piauiense, e aqui faço questão de ressaltar esse lado de nossa querida Dorinha, ela mostrou que é possível ser uma profissional competente e mulher elegante, mãe, avó, sogra, tia, cunhada, amiga, sempre presente e apontando que a vida é tudo isso, ou seja, muito mais que apenas uma carreira bem-sucedida. Um abraço afetuoso a toda sua família.” Conceição Meneses Lage, Departamento de Arqueologia da UFPI, Pesquisadora 1-C do CNPq

139

“Perderam a Arqueologia brasileira e, mais especificamente, a Sociedade de Arqueologia Brasileira, um dos seus mais ardorosos e combativos membros. Movida permanentemente a paixão, Dorath Pinto Uchôa dedicou-se de corpo e alma à fundação e consolidação da SAB, à qual se fundiu de tal forma que com ela viveu, por muitos anos, em relação de absoluta simbiose. Garra, dedicação cega às instituições às quais serviu e à defesa do patrimônio arqueológico brasileiro foram a sua marca e um dos importantes legados que ela deixou para as gerações futuras, a par de suas contribuições à pré-história do litoral de São Paulo. Saiu de cena uma grande guerreira.” Tânia Andrade Lima, Museu Nacional, Rio de Janeiro, Pesquisadora 1-A do CNPq.

“A Dra. Dorath P. Uchôa já era uma referência para a Arqueologia brasileira quando me inseri neste meio profissional, tendo-a conhecido nos bastidores da primeira reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB), em 1981. Testemunhei que ela foi um exemplo de energia para o trabalho, dedicação e amor à Arqueologia. Acadêmica da USP,

desdobrou-se para participar também do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico Arqueológico, Artístico e Turístico - Condephaat, em São Paulo. Com sua atuação em uma das raras instituições estaduais de preservação, conseguiu tombar uma área com três sambaquis. Articulou as três instituições, criou espaços, oportunidades, deu visibilidade e contribuiu decisivamente para a manutenção e consolidação da SAB, na qual atuou em diversas gestões. Sempre é lembrada nos encontros da comunidade, inclusive pela figura elegante e participativa. Com mais de 30 anos, esta sociedade constitui-se a referência de agremiação da categoria e foi a editora responsável pela publicação de uma das obras desta pesquisadora, como agradecimento e homenagem pelos serviços prestados à Arqueologia brasileira.” Maria Lúcia Pardi, Arqueologia Brasilis e Ministério da Cultura.

“Conheci a professora Dorath Uchôa em 1989, quando houve a fusão dos museus da USP, que iria criar o atual MAE/USP. Até então eu era estagiário do Setor de Arqueologia do Museu Paulista e tinha tido pouco contato com os colegas do antigo Instituto de Pré-História, onde a professora Dorath atuava.

140

Como cenário para entender o papel da Profa. Dorath em minha carreira, vale ressaltar que a Arqueologia da época era bem diferente da atual. Além de poucos praticantes, havia pouquíssimo trabalho de campo, uma vez que o que chamamos hoje de Arqueologia de contrato era praticamente inexistente. Era comum que os alunos passassem anos fazendo trabalho de laboratório antes de conseguirem uma vaga em uma escavação arqueológica. No recém-fundado MAE, os únicos trabalhos de campo de longa duração e que aceitavam alunos de “fora” das equipes eram as escavações coordenadas por Denis e Águeda Vialou. Ocorre que as vagas eram disputadíssimas, e eu era apenas um estagiário desconhecido vindo do Museu Paulista.

Um dia, lá pelos idos de 1990, já meio aborrecido de tanto trabalho de gabinete e pensando seriamente em mudar de área, fui abordado pela Profa. Dorath, que perguntou o que eu fazia. Já vínhamos dividindo de algum modo o espaço de trabalho, uma vez que a sala dela era envidraçada e com vista para o amplo laboratório, mas nunca tínhamos tido oportunidade de conversar. Ela pareceu entusiasmada com o fato de eu cursar Geologia e me convidou a participar de uma escavação arqueológica na Ilha do Mar Virado, em Ubatuba. Mal acreditando nessa oportunidade, aceitei de pronto. Em 1991 foi realizada a primeira etapa de escavação no sítio, e eu estava lá. Posso dizer então que a Professora Dorath teve um papel fundamental na minha carreira, na medida em que me deu a chance de participar de uma escavação arqueológica quando eu estava quase desistindo de ser arqueólogo, mas a coisa não para por aí: Dorath me tratava como um colega, pedindo opiniões a respeito dos processos de formação do sítio, e aquilo abriu para mim um novo horizonte. Eu me sentia um pouco mais do que um aluno e comecei a perceber que poderia contribuir genuinamente

com algum conhecimento. Esse foi o segundo impacto de Dorath Uchôa em minha carreira. Longe de ter medo de sombras ou cultivar o comportamento adulator, ela fazia questão de puxar os alunos para cima. Esta é uma característica não muito frequente no mundo acadêmico e que me fez profundamente grato a ela. Ao longo dos anos, passei por várias instituições e por várias fases de minha carreira, e toda vez que a encontrava, passávamos um bom tempo conversando. Seu interesse genuíno por minha vida profissional e pessoal só fizeram aumentar nossa afinidade, e espero ter retribuído de alguma maneira tanto apoio e amizade. Por fim, ao visitá-la no hospital, já em seus últimos dias, é indelével a imagem de coragem que aquela senhora fragilizada pela doença me passou. Genuína, entusiasmada, encorajadora e corajosa, tanto perante a vida como perante a morte, essa é a imagem da professora Dorath que sempre terei comigo. Foi realmente um privilégio tê-la conhecido.” Astolfo Gomes de Mello Araújo, Levoc - Laboratório Interdisciplinar de Pesquisas em Evolução, Cultura e Meio Ambiente, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo MAE/USP, Pesquisador 1-D do CNPq.

Muitos outros depoimentos poderiam ser acrescentados à figura singular da Dra. Dorath Pinto Uchôa, mas fizemos apenas uma pequena seleção das palavras oferecidas por representantes da Arqueologia brasileira que a conheceram e apreciaram até o fim.